

A ESCRITA DO PADRE FERNÃO CARDIM E SUAS MARCAS MEDIEVAIS

Carlos Henrique Lopes de Almeida (UFPA)¹

1. Introdução

A literatura cronística foi a grande responsável por dar a conhecer ao mundo a realidade e o compósito natural encontrado nas terras do novomundistas. Longe de desconhecer o seu propósito documental, devemos destacar também outra vertente presente na produção cronística do período de (re) conhecimento das novas terras, uma vez que segundo Mignolo (1982) e Pupo-Walker (1982) as fronteiras entre as duas percepções era extremamente tênue, criando, dessa forma, um texto híbrido, realidade e fantasia.

Os cronistas tiveram um papel fundamental na produção dessa modalidade textual, pois eram os funcionários e enviados oficiais nomeados pela coroa, cuja função contemplava o registro do compósito natural encontrado no Novo Mundo. Para tal, o funcionário da coroa tinha a autoridade de solicitar aos navegadores e expedicionários os cartas de relação, base de informações fundamentais para a produção das obras cronísticas.

Em meio a esses cronistas merece destaque a figura dos jesuítas, que aportaram no Brasil com o objetivo de dilatar o império e a fé, segundo Einseberg “os principais personagens europeus envolvidos nos encontros culturais que ocorreram no Brasil não eram os viajantes, ou muito menos os conquistadores, mas missionários cristãos, para quem “os encontros do Novo Mundo” tinham um significado peculiar” (2000, p. 60).

O grande sentido da sua participação está ancorado na forma como utilizaram o conhecimento e entendimento da realidade das novas terras, uma vez que ao observar os traços dessa nova cultura, foi possível desenvolver estratégias para alcançar o grande propósito da missão religiosa, a conversão do *gentio*. Vale destacar que esses relatos foram muito além de informes religiosos, dado a riqueza e a precisão de alguns

registros, servindo também para outras áreas do conhecimento e, conseqüentemente, outra alternativa na exploração da realidade americana.

Outro aspecto merecedor de ressaltar, diz respeito à nova condição científica, pois se inicia o deslocamento do paradigma apoiado na autoridade e tradição, em outras palavras, o uso da *auctoritas* como um mecanismo de legitimação discursiva, abre espaço para a observação e vivência. Esse novo cenário não anulará nenhuma das duas vertentes, mas sim hospedará uma mescla em que a conveniência e os fins determinarão os caminhos e estruturas utilizadas pelos cronistas.

Nesse sentido, o cronista passa a ter autoridade sobre o que está escrevendo, já que assistiu aos acontecimentos relatados em seus registros, esse procedimento passa a ser usado nas produções modernas garantindo a autoridade ao escritor devido à proximidade de seus textos com a realidade. No entanto esse fato não acaba com o uso de sentenças como 'me disseram' e 'ouvi', postura que não enfraquece e nem diminui a veracidade dos fatos descritos. Haja vista que é necessário que o autor ao relatar um fato faça uma adequação entre o que ele escreveu e o que aconteceu realmente, ou seja, é necessário um processo de adaptação entre o que foi dito e o que aconteceu, para uma melhor compreensão do relato pelo leitor.

Os textos produzidos no contexto do novo mundo trarão essas heranças da Idade Média, uma vez que os acontecimentos serão documentados sob um olhar presencial, dos próprios autores dos textos ou de outros escritores que presenciaram ou ouviram o que relataram. Muitos textos antigos serviram de base e suporte para o surgimento de novos escritores e conseqüentemente novas crônicas, servindo, na maioria das vezes como contraponto argumentativo, e dessa forma garantir destaque e fama para o cronista que superar autoridades como Plínio, Isidoro Sevilha, Aristóteles entre outras autoridades.

As crônicas do descobrimento do novo mundo eram elaboradas a partir de um olhar e uma mentalidade trazida do velho continente pelos tripulantes que cruzavam o oceano, embasadas em leituras de textos que segundo Irving (1996, p. 34) serviram como uma espécie de energia sobre humana para motivá-los rumo à conquista e garantir o seu reconhecimento. Ao

descreverem as terras recém-descobertas os cronistas buscavam fazer uma relação entre as coisas desses dois mundos, sempre exaltando essa nova terra como podemos atestar nos escritos de Cardim. Em *Das aves que há na terra e dela se sustentam* lemos:

Os papagaios nesta terra são infinitos mais que gralhas, zorzais, estorninhos, nem pardais de Espanha, e assim fazem gralhada como os sobreditos pássaros; destroem as milharadas, sempre andam em bandos, e são tantos que há ilhas onde são lá mais que papagaios; comem-se e é boa carne, são de ordinário muito formosos e de muito e de muito várias cores, e várias espécies, e quase todos falam, se os ensinam. (*Op. Cit.*, p.99).

É possível perceber também que esses escritos eram elaborados levando em consideração o máximo de detalhes possível e constantes comparações com o referencial europeu, essa estratégia visava encurtar a distância entre esses dois mundos, assim como naturalizar o espaço do Outro. Essa fonte informativa empenhava-se sempre em fazer um levantamento da "terra nova" de sua fauna, flora, seus habitantes e de seus costumes.

De acordo com Barba (1964, p.63) o autor da crônica deve sustentar os seus relatos com vista a atender as expectativas do velho mundo, dessa forma o compromisso, as demandas políticas e econômicas foram determinantes na organização das informações colhidas e apresentadas no discurso da colonização. Esses escritos serviam como uma espécie de manual para as futuras viagens, uma espécie de suporte na elaboração de projetos para as colônias, essa ideia é uma das justificativas para a importância e a popularidade desses escritos.

Conforme Fernandes a obra do Padre Fernão Cardim reafirma esta condição ao asseverar que "Seus tratados assumem lugar importante no conjunto das fontes acerca da experiência quinhentista, compondo com um conjunto mais amplo de textos e que garantiam exatamente por suas descrições, as condições para a colonização" (FERNANDES, 2009 p.168). Com isto, entendemos a posição estratégica ocupada pelos documentos

cronísticos no processo de conversão religiosa e colonização de seus naturais.

Fernão Cardim foi um dos principais cronistas responsáveis pela documentação do processo de colonização do nosso país, descrevendo a fauna, flora, rituais, hábitos dos povos ameríndios. Os seus registros foram determinantes para a orientação que visava mostrar as o melhor caminho, não podemos deixar de mencionar o papel fundamental dos relatos produzidos nas diversas colônias em que os jesuítas estiveram presentes. Sua importância ia além da descrição dos ambientes, já que estes documentos, quando enviados à Europa serviam também como um instrumento de articulação para a Ordem, pois registravam os diferentes processos de assimilação cultural capitaneados pelos missionários. Desta feita, os jesuítas enviados para outras missões, já apresentavam conhecimento e estratégias que poderiam ser aplicados nas adversidades enfrentadas.

A obra de Cardim analisada no presente estudo é o livro *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, composto de dois capítulos. O primeiro capítulo, *Do Clima e Terra do Brasil e de Algumas Cousas notáveis que se acham na terra como no mar*, trata do clima, da terra, dos animais e das árvores, o cronista se dedica também a escrever sobre os homens marinhos e monstros do mar ou seja seres maravilhosos. O segundo capítulo, *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias*, relata o viver dos povos ameríndios perpassando por seu modo de vestir, comer, beber, dormir, descreve suas casas a maneira como criam seus filhos e algumas das suas cerimônias.

A obra está dividida em grandes blocos temáticos, cuja divisão segue os moldes dos autores da antiguidade e da Idade Média, sempre tendo em consideração os correspondentes (animais terrestres, marinhos e aéreos), posteriormente o autor se detém na descrição de diversas espécies de árvores, arbustos, plantas etc. É importante salientar também a maneira como o autor estudado faz suas descrições, procurando sempre mostrar a sua utilidade e a forma de melhor aproveitar as propriedades dessa natureza, contudo o cronista também lança luz sobre aspectos negativos ou malefícios provocados por essa mesma natureza. O primeiro capítulo do livro intitulado, *Do clima e terra do Brasil e de algumas cousas notáveis que se acham assim na*

terra, como no mar, enfoca o seu olhar explorador sobre a fauna, dando destaque à diversidade e peculiaridades dos animais distantes da realidade europeia. Enquanto que ao se deparar com animais semelhantes aos do Velho Continente, sempre ridiculariza ou inferioriza algumas das características físicas, comportamentais ou utilitárias, essa atitude eurocêntrica nos induz a crer que o cronista evitava na maioria das vezes que a natureza americana superasse em algum aspecto a natureza europeia. Isso nos revela a necessidade de preservar a condição de descobridor e colonizador de uma natureza defeituosa, cuja salvação deve continuar nas mãos dos europeus.

Essa atitude permanece em todos os blocos descritivos, até mesmo no momento em que Cardim abre espaço também para os seres místicos, ao construir de seres como: os homens marinhos, monstros do mar, sereias, mães de água e outros. O representante da coroa ao fazer as descrições dessas criaturas e coisas das águas ele toma o cuidado de separá-las, descrevendo primeiro os animais de água salgada e, em seguida, os seres de água doce. No desfecho desse capítulo o autor relata os animais, árvores, ervas que foram trazidas de Portugal pelos portugueses e se adaptaram muito bem a terra e ao clima brasileiro.

O segundo capítulo, *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias*, descreve rituais e cerimônias indígenas, destacando particularmente aqueles que servem como contraponto para comparações com a cultura europeia e reafirmam do papel do colonizador com ator colonizador. O primeiro tema escolhido pelo autor é sobre a religião dos indígenas '*Do conhecimento que têm do criador*', Cardim descreve a descrença dos índios em relação ao criador, escrevendo: "Este gentio não tem conhecimento algum de seu criador, nem de cousa do Céu,[...]. (*Op. Cit.*, p.174). O cronista apresenta as cerimônias e os costumes cotidianos protagonizados pelos naturais, esses registros enfatizam aspectos que desumanizam os indígenas e reforçam a necessidade de modelo a seguir, em outras palavras, esses hábitos serviram como legitimadores da postura do colonizador, dado a sua proposta de salvação e enviado pela Santa Igreja.

A temática a seguir gira em torno da forma como os indígenas tratam aspectos como o matrimônio e a organização

familiar, destacando atitudes a fim de revelar o comportamento dos indígenas e o seu cotidiano. Bem como aproveita a seção para descrever utensílios que facilitam as suas atividades e integram outras cerimônias, entre as quais as guerras entre os diferentes grupos. A parte final do relato cronístico enfatizará a diversidade de grupos e costumes, assim como outros temas “Em toda essa província há muitas nações de diferentes línguas [...]”. (Op. Cit., p. 200).

Emerge durante as descrições presentes no seu relato um testemunho ancorado na experiência e no ver, assim como nas informações obtidas de pessoas merecedoras de confiança e crédito. Junto a essa visão moderna, permanece a presença do lastro medieval e antigo, tão caro à tradição, servindo como parâmetros de comparação para Cardim. As mescla desses dois universos conceituais, permeia a tessitura textual da narrativa cronística, mediante ajustes, cujo estilo favorece a aproximação entre a vertente literária e a historiográfica.

2. O discurso de Cardim

Cardim assim como outros cronistas do seu período, foi responsável pela produção de uma modalidade textual cronística com novas características, uma vez que esses escritos deixam de lado o caráter medieval para receber uma nova organização estrutural, essa modificação tanto na temática dos textos como na estrutura desses escritos, aconteceu graças a combinação das duas frentes, tradição e moderno, aliados á uma cultura escrita em formação. Esse processo se deu em função de dois fatores, o primeiro representado pelo alvorecer da cultura escrita, ainda muito recente, e sem a solidez dos instrumentos utilizados no discurso escrito. O segundo traduz a resposta para a lacuna do discurso escrito, mediante a permanência da cultura e dos recursos retóricos da oralidade utilizados no decorrer da história anterior a Idade Moderna.

A retórica medieval recebeu influência Greco-romana, nessa época essa arte era utilizada pelos trovadores e jograis, portanto era exclusivamente falada, ainda nesse período segundo Gomes e Iapechino (2008, p. 03) em seu estudo intitulado como: *concepções de texto da tradição retórica à tradição discursiva*,

as autoras abordam que a retórica era usada pelos padres na defesa da tradição cristã contra as acusações pagãs, isso deixou o gênero retórico judiciário o mais perto com o debate. A retórica também era usada pela aristocracia para dar estilo a essa classe ao falar e ao gesticular, com a finalidade de torná-la diferentes das outras classes da sociedade, como podemos atestar nos escritos de Chinchilla, Correa e Mendiola (2008, p. 144), "Otra función de la retórica fue la de estilizar el hablar y los gestos de la aristocracia con la finalidad de diferenciarla de los otros estratos de la sociedad".

A retórica da palavra falada perpetuou-se até o renascimento, ainda de acordo com as autoras acima citadas, foi nessa época que as reflexões sobre os gêneros literários são reavivados e é nesse período que a retórica falada abre espaço para a escrita. No século XX, a retórica toma novos rumos, surge novas perspectiva, e a esse novo modelo de texto deu se o nome de Nova Retórica. Sobre essa perspectiva Amossy (2011, p.123), escreve que "um locutor quer agir sobre seu alocutário, não por meio de um ato de discurso pontual, mas no quadro de uma troca verbal que comporta suas regras próprias". As mais divergentes correntes da Análise do Discurso e da Pragmática colocam a retórica nos dias de hoje como a arte de persuadir.

Segundo Pozuelo Ivancos (2003, p.15), a arte da retórica esta diretamente ligada a forma e ao conteúdo, da mesma forma que está atrelada à eloquência e a persuasão do ouvinte. Dessa forma essa arte não influencia somente na questão da persuasão do ouvinte ou leitor, mas também na estrutura do texto. É importante mencionarmos também que as bases retóricas foram construídas sobre a cultura da oralidade, segundo Chinchila, Correa e Mendiola (2008, p.p. 143-144) a criação de textos cronísticos escritos nos séculos XVI, XVII até XVIII foi totalmente influenciada pelos critérios de organização e motivação empregados pela cultura da oralidade, uma vez que, a escrita só começa a ganhar força de fato no fim do século XVI, isso não quer dizer que a escrita só começou nesse período, uma vez que podemos encontrar o registro da escrita em períodos anteriores.

Como já foi exposto anteriormente que os objetivos principais da retórica são a eloquência e a persuasão, no entanto segundo Chinchilla, Correa e Mendiola (2008, p. 143) além desses

dois intuitos da retórica ela também diminui o caminho para as informações necessárias para elaborar um discurso, “retórica no solo se preocupaban por la elocuencia y la persuasión, sino también por facilitar el acceso a la información necesaria para elaborar un discurso”.(CHINCHILLA, CORREA E MENDIOLA, 2008, p.143), ou seja a retórica permitia o acesso a conhecimentos, dessa forma possibilitava a elaboração de um discurso com qualidade suficiente para convencer e emocionar. Ainda de acordo com esses autores acima citados quando o escritor não tinha recursos como livros para auxiliá-lo na leitura, a retórica era fundamental para eles, em função do uso do recurso mnemotécnico, que consistia no uso de recursos de organização das informações a ser resgatadas durante a organização do texto.

Os cronistas do novo mundo tinham como finalidade relatar e divulgar dados sobre o novo mundo, no caso de Fernão Cardim, que fora nomeado pela coroa como relator oficial, a missão ia muito além de simplesmente informar, em virtude da sua condição de funcionário da coroa, pois era preciso plantar o interesse nas novas descobertas. Essa atitude implicou na promoção das “novas aventuras”, como uma forma de garantir o patrocínio das empresas colonizadoras. Diante disso, os relatos cronísticos deveriam dar ênfase para as conquistas, enfatizando a função dos colonizadores, bem como, destacar a importância e a grandeza dessas novas posses.

CUPAIGBA É uma figueira comumente muito alta, direita e grossa; tem dentro dela muito óleo; para se tirar a cortam pelo meio, onde tem o vento, e aí tem este óleo em tanta abundância, que algumas dão um quarto, e mais de óleo; é muito claro, de cor de azeite; para feridas é muito estimado, e tira todo sinal. Também serve para as candeias e arde bem; os animais, sentindo sua virtude, se vêm esfregar nelas; há grande abundância, a madeira não vale nada. (*Op. Cit.*, p. 113).

Através da descrição que Cardim faz da *cupaigba*, classificada pelo autor de “*Das árvores que servem para mezinhas*”, é possível perceber que o autor faz uso da retórica utilitária, tecendo argumentos de acordo com a utilidade dessa árvore, a

qual segundo os relatos do autor era essencial para a cura de ferimentos e servia também para tirar sinal do corpo. Cardim reforça em grande parte das suas descrições a quantidade, o que servirá como base para a retórica da abundância, já que na maioria das vezes o cronista destacará a facilidade e o grande número do exemplar descrito encontrado na natureza americana. Outro ponto importante de ser destacado nas descrições de Cardim é a tentativa e o cuidado que o autor tem em levar um mundo ao outro, (velho mundo ao novo mundo) para conseguir esse feito ele faz uso da comparação como podemos atestar de forma ainda mais evidente na descrição do pinheiro do Brasil, classificado por Cardim de “*Das árvores de fruto*”.

PINHEIRO No sertão da Capitania de São Vicente até ao Paraguai há muitos e grandes pinhais propriamente como os de Portugal, e dão pinhas como pinhões; as pinhas não são tão compridas, mas mais redondas, e maiores; os pinhões são maiores, não são tão quentes, mas de bom temperamentos e sadios. (*Op. Cit.*, p. 112).

A naturalização da realidade novomundista é feita por Cardim por meio da comparação, no entanto esse procedimento não coloca as duas realidades na mesma condição, dado ao tratamento cauteloso conferido à realidade do novo continente, no intento de não desvalorizar à natureza do Velho Mundo. O jesuíta usava o recurso da comparação como estratégia para levar um universo ao outro como já foi dito anteriormente, o trecho que deixa isso mais claro para nós é: “pinhais propriamente como os de Portugal”. O recurso da comparação não somente servia como tradutor do contexto americano, mas também como atitude naturalizadora do desconhecido.

Segundo Toma (2012, p. 27) em seu trabalho intitulado como: *Nas tramas do relato: Navegações portuguesas e o maravilhoso como substrato cultural*, esse processo de naturalização é o recurso pelo qual o autor busca familiarizar o seu interlocutor com o objeto descrito por meio de analogias e aproximações. Os cronistas faziam muito uso desse recurso, uma vez que, sempre estavam descrevendo algo totalmente

desconhecido, dessa forma precisavam associar esses objetos a coisas ou imagens familiares, no intuito de torna natural o que não é.

No entanto Cardim não documentava somente os pontos positivos de seu "outro Portugal", mais também os perigos enfrentados pelos desbravadores do novo mundo, como podemos constatar na descrição a seguir

TEREPOMONGA É uma cobra que anda no mar; o seu modo de viver é deixar-se estar muito queda e qualquer cousa viva que lhe toca nela tão fortemente apegada, que de nenhuma maneira se pode bulir, e desta maneira come, e se sustenta; algumas vezes sai fora do mar, e torna-se muito pequena, tanto que a tocam, pega, e se vão com a outra mão para desapegarem ficam também pegados por ela, e depois faz-se tão grossa como um bom tirante, e assim leva a pessoa para o mar e a come; e por pegar muito se chama terepomonga, sc. cousa que pega. (*Op. Cit.*, p.150).

O efeito provocado pelos traços teratológicos presentes no animal destacam o perigoso vivido por aquele que o enfrenta, ou seja, o relato apresenta um ambiente estranho ao europeu, segundo Toma (2012, p.39) isso se dava pelo comportamento, formas, raridade ou ainda pela nocividade de algumas criaturas. Dessa maneira, a narrativa cardiniana ressaltava os perigos enfrentados pelos colonizadores do novo mundo, com isso os colonizadores eram colocados na mesma condição dos heróis presentes nas novelas de cavalaria, que arriscavam suas vidas em busca de riquezas para sua pátria, sendo vistos com bons olhos pelos seus leitores e, ao mesmo, admirados pelas suas proezas e seus feitos dignos de notoriedade e fama.

Outro traço retórico presente nos relatos de Cardim, refere-se ao desejo, segundo Fonseca (2011, p.216) os viajantes buscavam o Paraíso Terreal, dessa forma o conteúdo das crônicas do descobrimento precisavam despertar no leitor um desejo pelas terras recém-descobertas. As figuras teratológicas, mencionadas anteriormente, cumprem mais funções, além de valorizar os

feitos dos conquistadores, eram referências da proximidade do paraíso, tão buscado pela cultura ocidental cristã.

Nessa direção, o pesquisador ainda reconhece a feminilização da natureza americana mediante as marcas presentes no discurso cardiniano, no qual os argumentos principais eram: beleza, fertilidade e por fim a posse e a dominação “formosuras nos pássaros, e assim como toda a terra é cheia de bosques, e arvoredos, assim o é de formosíssimos pássaros de todo o gênero de cores” (*Op. Cit.*, p.99).

A retórica do discurso do gênero adquiriu uma significativa função na cronística colonial, na medida em que a constante e insistente excitabilidade verbo-visual, frente à realidade americana caracterizada por imagens do feminino, constitui, muitas vezes, uma expressão concreta e sensorial daquela espiritualidade. (FONSECA, 2011, p. 216).

Por tanto, o início da escrita dos textos sobre o descobrimento do Brasil, revelou um discurso eufórico ante uma natureza nova, no entanto estranha para os escritores da época, em aspectos como flora, fauna e nativos, tratava-se de uma terra com novos compósitos, mostrada de forma detalhada pelos cronistas.

Nesse contexto, o padre Fernão Cardim produziu uma obra que não se limita apenas aos interesses da Companhia de Jesus, já que esses textos não ficaram restritos aos leitores exclusivamente religiosos, foram utilizados como referências para o reconhecimento das terras novomundistas e de todas as suas riquezas.

Após a mudança na percepção da realidade, as terras do novo continente deixaram de ser novidade e passaram a ser encaradas com disforia, condição que impulsionou a mudança no tratamento discursivo desenvolvido nos textos cronísticos. Desta feita, a promocionalidade levada a cabo pelos cronistas foi umas das respostas com vistas à continuidade da empresa colonizadora e efetivada por meio dos diferentes recursos retóricos aplicados nos relatos documentais cujo tema era o Novo Mundo.

Referências:

AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso a construção do ethos*. Ed. Contexto, 2011.

BARBA, F. E. *Historiografía indiana*. Madrid:Editorial Gredos, 1964.

BORGES, L. A. *Disseminação da Literatura dos Bestiários na Cronística Colonial Luso-Brasileira*. Revista do Niesc, V.1, maio, 2001.

CARDIM, F. *Tratados da terra e gente do Brasil*. AZEVEDO, A. M. (org.). São Paulo, Ed. Hedra, 2009.

CHINCILLA, P.; CORREA, L.; MENDIOLA, A. *La construcción de la realidad: la Compañía de Jesús*. In: *Historia y Grafía*, N°30, 2008. Disponível em: [en:http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=58922939007](http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=58922939007). Acesso: 05 de mai de 2013.

CUNHA, M. C. *Imagens de índios do Brasil: o século XVI*. Estudos Avançados, V.4, São Paulo, 1990.

EINSENBURG, J. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

FERNANDES, E. B. B. *As palavras como linhas: Fernão Cardim*. Revista Brasileira de História das Religiões, Ano 1, n. 3, Jan, 2009.

FONSECA, P. C. *Bestiário e o discurso do Gênero no descobrimento da América e na colonização do Brasil*. Baurú:EDUSC, 2011.

GOMES, V. S.; IAPECHINO, M. N. K. . *Concepções de texto da tradição retórica á tradição discursiva*. Encontros de Vista, v. 1, p. 1-17, 2008.

IRVING, L. *Los libros del conquistador*. México: FCE, 1996.

MIGNOLO, W. *El metatexto historiográfico y la historiografía indiana*. Modernlanguages, Notes, vol. 46, John Hopkins Universite Press, 1982.

POZUELO YVANCOS, J. M. *Teoría del lenguaje literario*. Madrid: Ed. Cátedra, 2003.

PUPO-WALKER, E. *La vocación literária del pensamiento histórico em América: Desarrollo de la prosa de ficción (siglos XVI, XVII, XVIII y XIX)*. Madrid: Gredos, 1982.

TOMA, M. *Nas tramas do relato: navegações portuguesas e o maravilhoso como substrato cultural*. Revista Tempo, Espaço, Linguagem. Irati, v. 03, n. 02, Mai-Ago. p. 21-43, 2012.

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito o estudo da obra Tratado da gente e terra do Brasil do Padre Fernão Cardim, em que traçar-se-á uma análise que rastreia as influências do imaginário e ideário medieval, considerando a presença de alguns reflexos imagísticos da herança e dos traços da tradição da Idade Média que se anunciam na construção da cronística de Cardim. A descrição do cenário das terras descobertas, o encontro entre os referenciais do Velho Mundo e o espaço novomundista, a transliterização de esquemas responsáveis pela aproximação e incorporação das novas descobertas são elementos temáticos presentes na produção cronística cardiniana, bem como os seus escritos assumem uma posição fundamental para a organização da Ordem religiosa dos Jesuítas. Uma escrita na qual o Padre Fernão Cardim transita dentro dos relatos descritivistas, ora caracterizando realisticamente o encontro com a natureza e os nativos, ora exercitando um toque literário requintado, influenciado pelas autoridades e esquemas tão caros à tradição medieval. Nesse sentido, a pesquisa propõe analisar e buscar marcas da medievalidade presentes no cenário historiográfico

que possam dar maior sentido ao texto e, junto a essa dinâmica, dialogar com fatores relacionados ao ideário medieval e ao contexto da colonização presente na América Portuguesa.

Palavras-chave: Descobrimento; Historiografia; Medievalidade.

RESUMEN

Este trabajo tiene como propósito el estudio de la Obra Tratado de la gente y tierra de Brasil del Padre Fernão Cardim, en el cual se trazará un análisis que rastrea las influencias del imaginario e ideario medieval, considerando la presencia de algunos reflejos imagísticos de la herencia y de los trazos de la tradición de la Edad Media que se anuncian en la construcción de la cronística de Cardim. La descripción del escenario de las tierras descubiertas, encuentro entre los referenciales del Viejo Mundo y el espacio nuevomundista, la transliteralización de esquemas responsables por la aproximación e incorporación de las nuevas descubiertas son elementos temáticos presentes en la producción cronística cardiniana, bien como sus escritos asumen una posición fundamental para la organización de la Orden religiosa de los Jesuitas. Una escritura en la cual el Padre Fernão Cardim transita dentro de los relatos descriptivos, una hora caracterizando realísticamente el encuentro con la naturaleza y los nativos, otra hora ejerciendo un toque literario requintado, influenciado por las autoridades y esquemas tan caros a la tradición medieval. En este sentido, la investigación propone analizar marcas de la medievalidad presentes en el escenario historiográfico que puedan dar mayor sentido al texto y, junto a esa dinámica, dialogar con factores relacionados al ideario medieval y al contexto de la colonización presente en la América Portuguesa.

Plabras-clave: Descubrimiento, Historiografia, Medievalidad

NOTAS

.....
¹ Professor Assistente de Língua e Literatura Hispanófonas da Universidade Federal do Pará. E-mail: carloshla@ufpa.br.